

## **GETUFF: Duas Décadas de Contribuições para a Etnomatemática e Educação Matemática**

## **GETUFF: Two Decades of Contributions to Ethnomathematics and Mathematics Education**

## **GETUFF: Dos décadas de contribuciones a Etnomatemática y Educación Matemática**

**Maria Cecilia Fantinato**

Doutora em Educação

Universidade Federal Fluminense

Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

[mcfantinato@gmail.com](mailto:mcfantinato@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-8344-2071>

**Adriano Vargas Freitas**

Doutor em Educação Matemática

Universidade Federal Fluminense

Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

[adrianovargas@id.uff.br](mailto:adrianovargas@id.uff.br)

<https://orcid.org/0000-0002-4602-3473>

### **Resumo**

Neste artigo apresentamos o Grupo de Etnomatemática da Universidade Federal Fluminense (GETUFF) e sua trajetória. Fundado em setembro de 2004, é um núcleo de estudos dedicado à Etnomatemática que se destaca por suas contribuições na formação de professores e pesquisadores. Inicialmente focado na relação entre Etnomatemática e Educação de Jovens e Adultos, o GETUFF expandiu suas discussões para abranger temas como currículos escolares, educação quilombola, educação indígena e decolonialidade. Com uma metodologia colaborativa, o grupo promove encontros semanais para troca de experiências e saberes. Como fruto deste movimento, apresentamos recortes de algumas produções de seus membros, tais como teses, dissertações, livros, palestras e eventos. O artigo finaliza destacando movimentações futuras para as comemorações das duas décadas de existência deste Grupo.

**Palavras-chave:** Etnomatemática. Grupo de pesquisa. Trabalho colaborativo. Formação de professores. Formação de pesquisadores.

### **Abstract**

In this article, it is presented the Ethnomathematics Group at the Fluminense Federal University (GETUFF) and its trajectory. Founded in September 2004, it is a study group dedicated to Ethnomathematics, standing out for its contributions to the training of teachers and researchers. Initially focused on the relationship between Ethnomathematics and Youth and Adult Education, GETUFF expanded its discussions to cover topics such as school curricula, quilombola education,

indigenous education and decoloniality. Using a collaborative methodology, the group promotes weekly meetings to exchange experiences and knowledge. As a result of this movement, it is presented some of its members' productions, such as theses, dissertations, books, lectures and events. The article ends by highlighting future actions to celebrate the group's 20th anniversary.

**Keywords:** Ethnomathematics. Search group. Collaborative work. Teacher training. Training of researchers.

### Resumen

En este artículo presentamos el Grupo de Etnomatemática de la Universidad Federal Fluminense (GETUFF) y su trayectoria. Fundado en septiembre de 2004, es un centro de estudios dedicado a la Etnomatemática que se destaca por sus aportes a la formación de docentes e investigadores. Inicialmente centrado en la relación entre etnomatemáticas y educación de jóvenes y adultos, GETUFF amplió sus debates para cubrir temas como los planes de estudio escolares, la educación quilombola, la educación indígena y la descolonialidad. Utilizando una metodología colaborativa, el grupo promueve reuniones semanales para intercambiar experiencias y conocimientos. Como resultado de este movimiento, presentamos algunas producciones de sus integrantes, como tesis, disertaciones, libros, conferencias y eventos. El artículo finaliza destacando movimientos futuros para las celebraciones de las dos décadas de existencia de este Grupo.

**Palabras clave:** Etnomatemática. Grupo de búsqueda. Trabajo colaborativo. Formación de profesores. Formación de investigadores.

### Considerações Iniciais

No Brasil, a Etnomatemática é reconhecidamente um campo particularmente forte e estabelecido, entre outros motivos, devido ao fato de o principal teórico da Etnomatemática ser um brasileiro, Ubiratan D'Ambrosio. Este autor é reconhecido internacionalmente por ter fundado o "Programa de Etnomatemática" no Quinto Congresso Internacional de Educação Matemática (ICME-5) em Adelaide, em 1984, e um de seus livros mais relevantes foi traduzido para diferentes idiomas (D'Ambrosio, 2001).

E qual tem sido o papel dos grupos de pesquisa para o desenvolvimento da pesquisa e de práticas pedagógicas inspiradas nesta área no Brasil? Neste artigo, buscaremos apresentar uma síntese da experiência de vinte anos do Grupo de Etnomatemática da UFF (GETUFF) neste processo.

A importância dos grupos de pesquisa em Educação Matemática para a formação de professores e pesquisadores é multifacetada e significativa. Podemos considerar que esses grupos desempenham um papel crucial na construção de um conhecimento pedagógico robusto, no desenvolvimento de práticas educacionais inovadoras e na promoção de uma cultura de investigação contínua.

Isso se dá por meio da possibilidade de proporcionar desenvolvimentos profissionais contínuos, ou seja, os grupos de pesquisa podem promover um ambiente onde professores e pesquisadores podem se manter atualizados com as teorias, metodologias e práticas em Educação Matemática. Assim permitem que os educadores aprofundem seus conhecimentos teóricos, compreendendo melhor as bases que sustentam as práticas pedagógicas eficazes.

Estas considerações são algumas das premissas que balizam as ações do GETUFF, que, em metodologia colaborativa, busca a interação entre professores em formação, professores em atuação e pesquisadores da área, e mantém uma comunidade onde conhecimentos e experiências são compartilhados, promovendo um ciclo de desenvolvimento profissional, inovação pedagógica, e produção de conhecimento que pode beneficiar comunidades educacionais envolvidas.

Nesta produção vamos apresentar recortes da história deste grupo de pesquisa e algumas de suas produções. Desta forma selecionamos alguns trabalhos de mestrado ou doutorado que foram orientados pelos coordenadores do grupo e que focavam a Etnomatemática. Além disso, destacamos as atividades previstas para a comemoração de seus 20 anos.

### **Um breve histórico**

Criado em setembro de 2004, na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), o GETUFF surgiu de discussões promovidas em um minicurso ministrado pela sua coordenadora, a Profa. Dra. Maria Cecília Fantinato, como parte das atividades de um curso de extensão promovido pelo Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro em parceria com a UFF. Dessa forma, como ressaltam Fantinato, Mafra e Meira (2018, p.632), seus primeiros integrantes eram “professores da rede pública de ensino e pesquisadores, interessados nas contribuições da Etnomatemática para a prática docente, sobretudo da EJA”. Este perfil inicial foi se modificando aos poucos, pois passou a incorporar também estudantes de graduação e pós-graduação, além de professores de universidades do Estado do Rio de Janeiro e outros estados.

Assim, tornou-se um espaço pioneiro de estudo e pesquisas na área da Etnomatemática, com integrantes de diferentes níveis de formação, assim como de diferentes níveis de inserção profissional, mas que têm em comum em “aprofundar os estudos na área da Etnomatemática, assim como a possibilidade de participar de um espaço de discussão sobre

questões teórico-práticas ligadas à educação matemática” (Fantinato, Mafra e Meira, 2018, p. 632).

Em seu início, as temáticas abordadas estavam relacionadas a relações da Etnomatemática com a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA), além de formação de professores, Educação Indígena e as etnociências. Posteriormente diversos outros temas foram sendo incluídos nas discussões do GETUFF, tais como currículos, Educação Quilombola e processos de descolonização da educação.

Interessante destacar que a própria dinâmica de encontros também foi sendo modificada com o passar do tempo, iniciando com encontro quinzenais em seus primeiros anos, passando para semanais, a partir da percepção das demandas internas de seus componentes. Estes encontros aconteciam presencialmente em salas da Faculdade de Educação da UFF, em Niterói, mas com o advento da pandemia da Covid-19 passou a acontecer de forma remota. Importante ressaltar que tal opção se mantém até os dias atuais, pois percebemos que facilitou a participação de professores e pesquisadores de diferentes regiões do Brasil, e até fora dele. Desta forma, temos como proposta atual mesclar algumas reuniões presenciais com remotas, de acordo com as demandas que se apresentam.

Essas alterações não mudaram as características de grupo colaborativo, que segundo Fiorentini (2004, p.50), devem ser espaços de troca de saberes e de experiências, onde “todos trabalham conjuntamente (co-laboram) e se apoiam mutuamente, visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo do grupo”. Thees *et al* (2013, p.7927), destaca da seguinte forma as atividades desenvolvidas pelo GETUFF em seus primeiros anos, mas que se mantém até os atuais dias:

[...] principalmente ao estudo de textos, debates e organização de palestras, com convidados da própria UFF ou de outras instituições, de áreas diretamente relacionadas à Etnomatemática ou não, que pudessem contribuir para as reflexões do grupo. O grupo também participava de atividades de formação continuada de professores em projetos da FEUFF (Thees *et al.*, 2013, p. 7927).

Em março de 2008, o GETUFF esteve à frente da organização do Terceiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática (CBEm3), realizado nas dependências da Faculdade de Educação da UFF. Este evento foi aberto a toda comunidade brasileira de pesquisadores e professores interessados em Etnomatemática. Um dos importantes resultados deste evento foi

a publicação do livro “Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos” (Fantinato, 2009).

**Figura 1:** Componentes da Comissão Organizadora do CBEm3



**Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

Em setembro de 2014, um outro evento na área foi organizado pelo GETUFF, também na Faculdade de Educação da UFF, o Encontro de Etnomatemática do Rio de Janeiro (ETNOMAT-RJ), como um evento satélite do VI Encontro Estadual de Educação Matemática do Rio de Janeiro (VI EEMAT). Este evento, assim como anteriormente citado, também foi aberto a professores e pesquisadores de outras regiões brasileiras e até do exterior, mas teve um objetivo especial que foi o de comemorar os dez anos de existência do grupo.

**Figura 2:** Componentes da Comissão Organizadora do ETNOMAT-RJ



**Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

Este evento propôs um exercício de reflexão sobre as trajetórias percorridas pelo GETUFF e demais grupos de pesquisa relacionados à Etnomatemática, buscando sinalizações para novas perspectivas e futuros tempos. Para participar, as submissões eram feitas em um dos eixos temáticos: “Diálogos da Etnomatemática com a Educação” e “Aspectos teóricos e filosóficos da Etnomatemática”.

O trabalho de organização coletiva do ETNOMAT-RJ implicou em uma série de atividades formativas. Com efeito, as decisões sobre os eixos temáticos, a leitura e a classificação dos resumos dos trabalhos para a organização das salas de apresentação durante o evento, além de todas as tarefas operacionais desempenhadas pelo GETUFF, possibilitaram a seus integrantes oportunidade única de amadurecimento acadêmico e de discussão sobre a pesquisa em Etnomatemática (Fantinato, Mafra e Meira, 2018, p.634).

Esta experiência teve continuidade nas atividades do GETUFF, pela análise das produções inscritas neste evento, que compuseram os Anais do ETNOMAT-RJ. Foi então desenvolvida uma pesquisa do tipo bibliográfica (Ferreira, 2002), durante os anos de 2015-2017, que resultou no livro “Etnomatemática: concepções, dinâmicas e desafios” (Fantinato e Freitas, 2018).

Em setembro de 2021 o GETUFF produziu o dossiê “Etnomatemática: perspectiva decolonial e movimentos de resistência”, publicado em uma Edição Especial da Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (REMAT) – regional São Paulo (Fantinato e Freitas, 2021).

**Figura 3:** Capa da REMAT com a Edição Especial produzida pelo GETUFF<sup>1</sup>



**Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

<sup>1</sup> A arte desta capa foi feita por um dos participantes do GETUFF, Julio Dias.



Este dossiê contou com o editorial denominado “Perspectiva decolonial da etnomatemática como movimento de resistência”, artigos científicos produzidos por importantes expoentes da área da Etnomatemática, além de resenhas e uma das últimas entrevistas dadas pelo saudoso Ubiratan D’Ambrosio.

Vale destacar que é contínua a realização de Seminários, Mesas Redondas e Palestras no GETUFF com a participação de pesquisadores convidados, muitas vezes abertos ao público externo, como foi o caso da Mesa de Debate – “Etnomatemática, etnociência e decolonialidade”, realizada em outubro de 2020. Foi mediada pela Profa. Maria Cecilia Fantinato, e contou com a participação dos professores Ubiratan D’Ambrosio e Marcio D’Olne Campos (Criador da proposta SULear)<sup>2</sup>.

**Figura 4:** cartaz de divulgação da Mesa de Debate



**Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

Dentre os diversos outros eventos deste tipo que o GETUFF tem realizado, destacamos também a Mesa Redonda “Etnomatemática na formação de professoras e professores indígenas para a Educação Intercultural”, realizada em outubro de 2022, de forma

<sup>2</sup> Disponível no YouTube, no seguinte endereço:

<https://www.youtube.com/watch?v=3uGOHb0UXbl&list=PL3zUrVmCJMebiQQBnMZ4mHQEOMQ5buehG>. Acesso em 19/07/24.

remota<sup>3</sup>. Esta mesa propôs explorar potencialidades e convergências entre pressupostos da Etnomatemática e da educação intercultural na formação inicial de professores e professoras indígenas. Ela contou com a mediação da professora Maria Cecília Fantinato e a participação dos professores Kécio Gonçalves Leite, Cristiane Ambé Gavião e Adriano Pawah Suruí.

**Figura 5:** cartaz de divulgação da Mesa Redonda



**Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

Toda essa movimentação tem sido divulgada pelas redes sociais e têm se constituído como oportunidades de socialização de nossos estudos e discussões. Continuamente ela tem gerado frutos, aumentando consideravelmente a produção do Grupo, especialmente em forma de trabalhos e oficinas que vêm sendo apresentados em eventos e/ou publicados em periódicos qualificados.

### **Recortes de pesquisas do GETUFF**

Ao longo desses vinte anos de existência do GETUFF, muitos projetos de pesquisa foram desenvolvidos. Neste tópico faremos uma apresentação cronológica de alguns dos trabalhos orientados pelos coordenadores do Grupo durante este período, destacando os que

<sup>3</sup> Disponível no YouTube, no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Qm3JipBPKc8>. Acesso em 19/07/24.



podem ser considerados como pesquisas em Etnomatemática, ou apoiadas teoricamente em Etnomatemática. Esse recorte não representa a totalidade de trabalhos, mas possibilita uma visão sobre a diversidade de temas abordados.

Em sua pesquisa, André Gils (2010) nos apresentou algumas contribuições da perspectiva da Etnomatemática para a EJA e para a formação de professores. Intitulada “Contribuições da etnomatemática para a educação de jovens e adultos – EJA e para a formação de professores”, a pesquisa foi realizada com um grupo de professores de Matemática, da zona oeste do Rio de Janeiro, integrantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação deste mesmo estado.

Um dos objetivos centrais desta pesquisa foi considerar a necessidade de reflexão sobre as práticas dos docentes atuantes nesse Programa, apontando para a necessidade de uma formação mais específica destes, tomando como referência as reflexões sobre os saberes docentes e discentes e a importância para os estudos em Educação Matemática. Dentre os resultados, podemos destacar a verificação do quanto as contribuições culturais proporcionadas pela Etnomatemática podem proporcionar ao docente o necessário apoio teórico à EJA e à sua própria formação. Além disso, a pesquisa apontou para convergências entre a EJA, a educação popular, os saberes docentes e a Etnomatemática.

**Figura 6:** Dados da pesquisa – trecho de entrevista com professora da EJA

(A): Nesse nosso III Ciclo de formação continuada, a gente trabalhou com essa parte pedagógica, né, trazida pelos estudos culturais, com a valorização desses conhecimentos que os alunos têm, essa experiência, de ter contato com essa forma de abordar a matemática, trazida pela Etnomatemática, pra você, foi um conhecimento novo? Ele acrescentou coisas à sua prática?

(G): - É, em termos de conhecimento novo, eu não vou dizer que foi um conhecimento novo, mas era uma prática em que eu não me via praticando a Etnomatemática, por não conhecer a Etnomatemática...

(A): Certo!

(G): - Então, praticava muitas vezes involuntariamente.

(A): Você fazia, mas não sabia que era Etnomatemática.

(G): - Não sabia, só, apenas fazia, por achar que era um caminho e que levaria o aluno a um melhor é, dedicação, inspiração ao estudo!

**Fonte:** Gils, 2010, p. 143.

Fabio L. Marchon dos Santos (2013) apresenta em sua dissertação “Entrelaçamentos e Possibilidades Filosóficas em Etnomatemática” os principais resultados de uma pesquisa que buscou investigar possibilidades filosóficas em Etnomatemática. Tendo por base o conceito de






cartografia, percorreu diferentes territórios: Filosofia; Educação Matemática; Matemática; Etnomatemática. Além disso, esboçou prováveis mapas para o campo filosófico da Etnomatemática.

Dentro deste contexto o autor observou entrelaçamentos filosóficos que apontaram para algumas aproximações com os pensamentos do filósofo da suspeita de Nietzsche. Com base nas possibilidades filosóficas observadas na pesquisa, aponta que o pensamento nietzschiano se configura como uma potencialidade para fundamentar o campo filosófico da Etnomatemática. Por fim, propõe uma reavaliação de algumas verdades deste campo, colocando em suspeita algumas crenças comuns nas produções das pesquisas da Etnomatemática.

Com a pesquisa intitulada “Os saberes das celas: um estudo etnomatemático com jovens e adultos em contexto de privação de liberdade”, Claudia Meira (2015), analisou os saberes construídos e adquiridos por jovens e adultos em contextos de privação de liberdade. Na pesquisa a autora buscou viabilidades de diálogos entre os saberes das celas com as aulas de matemática, em uma perspectiva transdisciplinar.

Apoiada em perspectivas etnográfica e etnomatemática, a pesquisa envolve sujeitos, em sua maioria, estudantes da modalidade da EJA de uma escola prisional do Rio de Janeiro. Dentre os resultados podemos destacar que as marcas do contexto são percebíveis em todos os que atuam direta ou indiretamente na unidade prisional, seja no embrutecimento de alguns agentes executores da pena, seja na extremada condição submissa dos detentos ou na constante tensão que envolve outros funcionários como professores, psicólogos, médicos e terceirizados. Assim, a pesquisa identificou e analisou alguns saberes desses sujeitos que se manifestaram de forma material e intelectual, utilizados como facilitadores de convivência e sobrevivência no contexto prisional.

**Figura 7:** Dados da pesquisa - forma compreendida de frações usada por alguns detentos

Uma etapa de pão é para ser dividida entre cinco detentos. Quanto cada um pode comer? E se fossem duas etapas? Três? Quatro? E cinco? A resposta seria cada bolinha azul para cada detento. Solução apresentada por um aluno:				
1 para 5	2 para 5	3 para 5	4 para 5	5 para 5
				

Fonte: Meira, 2015, p. 39.

Na pesquisa intitulada “Saberes do campo presentes em uma horta circular: uma pesquisa etnomatemática”, Marcela Cruz (2017) nos apresenta um estudo sobre os saberes informais de produtores rurais do município de Alegre/ES, utilizando como suporte o referencial teórico da Etnomatemática. Assim, discute a temática da valorização de saberes desses agricultores e suas ideias de natureza matemática envolvidas no manejo de hortas circulares.

Seu objetivo central foi o de investigar de que maneira as ideias de natureza matemática são trabalhadas e processadas nas atividades de construção e manejo de hortas circulares, pelo viés da Etnomatemática. Dentre os resultados obtidos, a verificação de que há saberes diferentes utilizados para executar uma mesma tarefa, chegando às vezes a improvisar uma ferramenta que proporcione agilidade no trabalho e economia de tempo, economizando horas que podem ser dedicadas a outras atividades. Além disso, a percepção de que alguns agricultores valorizam os saberes adquiridos desde o tempo dos seus avós, usando essas mesmas técnicas até os dias de hoje.

Figura 8: Dados da pesquisa – ferramenta desenvolvida pelo agricultor para poupar seu trabalho.



Fonte: Cruz, 2017, p.67.

Em sua tese intitulada “A poética, a retórica e a narrativa do mundo do texto Etnomatemático D’Ambrosiano”, Fabio L. Marchon dos Santos (2018) aborda de forma crítica a escrita da História da Etnomatemática, ou modos pelos quais a escrita da História da Etnomatemática foi produzida e divulgada por um de seus principais criadores, Ubiratan D’Ambrosio em sua própria obra. Dessa forma, o autor objetivou evidenciar a dimensão retórica, poética e literária das histórias que normalmente são contadas da História da Etnomatemática.

Metodologicamente a pesquisa se orientou pela Hermenêutica narratológica de Paul Ricoeur. Dentre os resultados obtidos na pesquisa, é a percepção de que a escrita d’ambrosiana da História da Etnomatemática é geralmente marcada pela intertextualidade de cunho ficcional.

A pesquisa de Francisco Josimar Xavier (2019) recebeu o título de “A influência de práticas pedagógicas matemáticas na EJA sobre a permanência de estudantes da zona rural de Sobral-CE”. Ela objetivou compreender a influência de práticas pedagógicas matemáticas para a permanência dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos no espaço escolar. Para isso, desenvolveu pesquisa qualitativa com entrevistas realizadas com professoras e estudantes da EJA.

Dentre os resultados, a verificação de que, embora essas professoras se utilizem de algumas estratégias variadas nas suas aulas de Matemática, ainda assim, suas práticas pedagógicas se centram mais em ensinar o conteúdo escolar do que reconhecer e construir, junto com as estudantes, seus saberes matemáticos. No que diz respeito às estudantes, o autor verificou que as mesmas detêm saberes de suas vivências, enquanto mulheres moradoras da zona rural que lidam com a palha de carnaúba. Esses saberes estão articulados a processos de organização e quantificação, e são entendidos pelas estudantes como sendo uma matemática “de cabeça”, enquanto que o saber escolar, mais valorizado por elas, dizem ser uma matemática “de caneta”.

Gisele Soares (2020) desenvolveu a tese “Etnomatemática e suas marcas na formação inicial dos futuros professores de Matemática”, na qual objetivou analisar as marcas deixadas, entre futuros professores, por disciplinas de Etnomatemática nos cursos de Licenciatura. Para isso, analisou ementas e planos desses cursos, realizou entrevistas com os professores, e aplicou questionários eletrônicos a estudantes.

Dentre os resultados, a percepção de que as experiências vivenciadas nas aulas influenciaram diretamente na forma como os estudantes projetam a sua futura prática docente. Foi percebido também uma forte tendência, entre os professores, de basear suas aulas dessas disciplinas em leituras e discussões de textos acadêmicos, o que pode estar diretamente ligado às marcas das experiências vivenciadas nos grupos de pesquisa durante suas trajetórias acadêmicas, tendo em vista que todos cursaram mestrado e doutorado. Tais percepções levam a autora a destacar a importância de que as aulas nestas disciplinas poderiam levar os estudantes a conhecerem outros contextos culturais, o que poderia levá-los a irem ao encontro do “outro” se tornarem mais abertos ao diálogo com o outro, assim como mais abertos para outros saberes.

Claudia Meira (2021) produziu em seu doutorado “As concepções de cultura nas teses de etnomatemática: uma presença ausente”, em que objetivou analisar qualitativamente as concepções de cultura presentes nestas produções. Assim, afirma que não há um único conceito ou concepção para o termo cultura em Etnomatemática, e que, apesar de algumas concepções seguirem por teorizações distintas, o termo cultura e as vertentes relacionadas ao termo embasam suas concepções de Etnomatemática.

Todas as pesquisas selecionadas para o estudo de Meira (2021) assumiram características etnográficas, entretanto, alguns autores dessas teses não apresentaram nenhum debate teórico reflexivo para essa opção metodológica. Tais percepções levam a autora a defender que para um pesquisador que não pertença à área da antropologia faz-se necessário desenvolver um diálogo com autores mais experientes para fins de propiciar a construção de embasamento teórico para as pesquisas.

Pryscilla Cardoso (2022) desenvolveu a dissertação “Concepções de práticas curriculares matemáticas na EJA enunciadas pelos licenciandos de Pedagogia”. Nelas, buscou compreender quais relações esses universitários estabeleceram com o campo da Matemática ao longo de suas vidas, quais concepções de práticas curriculares matemáticas eles experienciaram e enunciam, além de destacar se eles se sentem preparados para atuar na EJA e quais práticas pretendem sustentar no campo da Matemática nessa modalidade.

Dentre os resultados, a autora verificou que, embora a formação das licenciandas na educação básica em relação ao campo da Matemática, em geral, tenha sido marcada pela padronização, as experiências na universidade geraram oportunidades de conceber o campo da Matemática a partir de outras lógicas, inclusive relacionadas às perspectivas



etnomatemáticas, tais como valorização do afeto e dos conhecimentos trazidos pelos estudantes e predomínio de práticas respeitadas e articuladas às suas vidas.

A tese intitulada “A história (re)constituída de participantes de um grupo de música percussiva: narrativas de seus fazeres e saberes”, de Luiz Claudio da Silva (2023), nos apresenta investigação realizada junto a um grupo de ex-participantes de uma banda de música percussiva, para compreender os impactos dessa participação nas suas próprias formações. Além disso, o autor buscou identificar possíveis outras formas de dar significados aos saberes matemáticos desenvolvidos nas vivências destas participações.

Como a banda percussiva era constituída predominantemente de pessoas negras, periféricas e sujeitas ao aliciamento de grupos do mal, presentes no município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, o autor destacou ser necessário aprofundar estudos sobre juventude e subalternidade, enfrentamento das desigualdades étnico-raciais, africanidades e etnomatemáticas. Dessa forma encontrou algumas contribuições referentes às categorias: envolvimento, comprometimento e cumplicidade dos participantes, que poderão vir a auxiliar na construção de conhecimentos outros em uma possível proposta complementar de futuro currículo escolar.

Eliane Lopes (2023) produziu a tese intitulada “Processos de subjetividades na EJA: olhe nos meus olhos sou um ser humano, Matemática não se aprende por osmose, não carrego mais comigo o peso do mofo”. Nesta produção a autora desenvolveu uma pesquisa qualitativa em que analisou diferentes discursos narrativos, em especial, de professores da educação básica da EJA, buscando compreender processos de produção de subjetividades dos sujeitos desta modalidade. Dentre os resultados analisados, a verificação da existência comum de sentimentos de impotência ou de insatisfação, por vezes relacionados à formação inicial.

A produção denuncia dualidades na educação em diferentes dimensões, diferenciando as políticas públicas educacionais oferecidas aos diferentes extratos das classes sociais, sustentadas por privilégios para alguns e precarização da educação para a maioria, além da imposição de projetos colonialistas. Esta situação tem provocado, em geral, maiores problemas para a educação escolar de jovens, adultos e idosos das camadas populares da classe trabalhadora, tais como a manutenção de classes de aceleração e a juvenilização da EJA.

“Produção de sentidos de currículos em Matemática na EJA das escolas públicas municipais de Sobral-CE” é o título da tese de Francisco Josimar Xavier (2023). Ela apresenta <https://doi.org/10.29327/2366212.2024.2-8>

resultados de uma pesquisa que contou com docentes da EJA como informantes-chave, objetivando compreender os sentidos de currículos em matemática produzidos por estes docentes.

Por meio de memoriais de formação e narrativas desses docentes foram verificados diferentes modos de ingresso no magistério na EJA, as marcas da matemática em suas vidas, e, em especial o fato de que suas práticas curriculares em matemática são construídas com estratégias didáticas próprias, considerando as realidades, os conhecimentos e as especificidades dos estudantes em detrimento da padronização indicada pela Secretaria Municipal da Educação. Na zona rural, por exemplo, ensinam matemática relacionando-a aos saberes e fazeres rurais, como associada ao plantio de alimentos, à produção de carvão e a ocupação dos terrenos da comunidade. Eles se preocupam com uma aprendizagem dos conteúdos de matemática, mas, sobretudo, respeitam os valores e costumes locais.

Desenvolvida com artesãs quilombolas da comunidade de Raiz, Diamantina-MG, especializadas em artesanato com capim dourado, a pesquisa de doutorado em andamento de Kyrleys Vasconcelos envolve análises dessas práticas e a valorização dos saberes tradicionais, revelando a conexão desses conhecimentos com as atividades cotidianas dessas artesãs. Assim objetiva descrever os processos de fazeres e saberes protagonizados por elas ao longo do artesanato com o capim dourado.

Com o título de “A arte do capim dourado: fazeres e saberes de artesãs quilombolas da comunidade raiz”, a tese destaca que pretende contribuir com a compreensão dos modos de fazer e saber da tradição quilombola e refletir possibilidades e desafios no trabalho pedagógico frente as práticas cotidianas das artesãs e a matemática escolar. Para isso, utiliza em sua metodologia de pesquisa uma abordagem etnográfica e História Oral, coletando depoimentos orais por meio de entrevistas junto a estas artesãs.

**Figura 9:** Alguns exemplos de artesanatos produzidos com capim dourado.



**Fonte:** Vasconcelos (2024).

### **Considerações finais**

A Etnomatemática no Brasil tem crescido significativamente ao longo dos anos. O congresso nacional nesta área já está em sua sétima edição, ocorrido em Macapá, em setembro de 2024. Os grupos de pesquisa também têm contribuído para ampliar a rede de pesquisadores em Etnomatemática, assim como de professores que desenvolvem suas práticas pedagógicas inspirados nesta perspectiva teórica. Em particular, o GETUFF há vinte anos tem contribuído para este desenvolvimento da produção etnomatemática brasileira, assim como para seu reconhecimento em contexto internacional. Em novembro de 2024, acontecerá, no campus da Universidade Federal Fluminense, o ETNOMAT-RJ 2, segunda edição do Encontro de Etnomatemática do Rio de Janeiro, em comemoração aos vinte anos do Grupo.

Neste artigo trouxemos alguns recortes de pesquisas desenvolvidas no Grupo ao longo de sua trajetória, que sinalizam para a diversidade de temáticas desenvolvidas por seus integrantes. Recentemente o GETUFF tem debatido aproximações da Etnomatemática com a decolonialidade, as relações étnico-raciais, a autoria de trabalhos de povos originários, entre outros temas. Temáticas essas que vêm se ampliando com as transformações sociais e com os debates que ocorrem em áreas de conhecimento afins. Continuaremos abertos e com espírito crítico para que o GETUFF, seguindo a dimensão política da Etnomatemática proposta por D'Ambrosio, continue contribuindo para os estudos que respeitem as raízes socioculturais dos indivíduos e para a construção de uma sociedade mais justa.

## **Referências bibliográficas**

CARDOSO, Pryscilla Teixeira Duarte. **Concepções de práticas curriculares matemáticas na EJA enunciadas pelos licenciandos de Pedagogia**. Dissertação (Mestrado em Educação). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2022.

CRUZ, Marcela. **Saberes do campo presentes em uma horta circular: uma pesquisa etnomatemática**. Dissertação (Mestrado em Educação). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2017.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: Elo Entre as Tradições e a Modernidade**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.

FANTINATO Maria Cecilia (Org.) **Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos**. Niterói: Editora da UFF, 2009.

FANTINATO, Maria Cecilia; MAFRA, José Ricardo e Souza; MEIRA. Formação de pesquisadores em Etnomatemática: a experiência do GETUFF. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 2, p. 101-119, 2014.

FANTINATO, Maria Cecilia; FREITAS, Adriano Vargas. **Etnomatemática: concepções, dinâmicas e desafios**. São Paulo: Paco Editorial, 2018.

FANTINATO, Maria Cecilia; FREITAS, Adriano Vargas. Etnomatemática: perspectiva decolonial e movimentos de resistência. Edição Especial da **Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (REMAT)** – regional São Paulo, 2021.

FIORENTINI, Dario. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: BORBA, M. & ARAÚJO, J. **Pesquisa qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 47-76.

GILS, André Luiz. **Contribuições da etnomatemática para a formação continuada de professores da Educação de Jovens e Adultos - EJA e para a formação de professores**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, 2010.

LOPES, Eliane Fernandes Campos. **Processos de produção de subjetividades na EJA: olhe nos meus olhos sou um ser humano, Matemática não se aprende-ensina por osmose, não carrego mais comigo o peso do mofo**. Tese (Doutorado em Educação) – Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2023.

MEIRA, Claudia de Jesus. **Os saberes das celas: um estudo etnomatemático com jovens e adultos em contexto de privação de liberdade**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, 2015.

MEIRA, Claudia de Jesus. **As concepções de cultura nas teses etnomatemática: uma presença ausente**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, 2021.

SANTOS, Fabio Lennon Marchon dos. **Entrelaçamentos e possibilidades filosóficas em etnomatemática**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, 2013.

SANTOS, Fabio Lennon Marchon dos. **A poética, a retórica e a narrativa do mundo do texto etnomatemático d'ambrosiano**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, 2018.

SILVA, Luiz Claudio da. **A história (re)constituída de (ex) integrantes de um grupo de música percussiva: narrativas de seus fazeres e saberes**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, 2023.

SOARES, Gisele Américo. **Etnomatemática e suas marcas na formação inicial dos futuros professores de Matemática**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, 2020.

THEES, Andrea; FANTINATO, Maria Cecilia; MEIRA, Claudia.; ANDRADE, ELiane Lopes W.; SANTOS, Fabio L. Marchon; SOARES, Gisele A. Retrospectiva e perspectivas do Grupo de Etnomatemática da UFF GETUFF. Montevideo. del **VII CIBEM**, 2013, p.7926-7933.

VASCONCELOS, Kyrleys Pereira. **A arte do capim dourado: fazeres e saberes de artesãos quilombolas da comunidade raiz - Presidente Kubitschek**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense. (em andamento).

XAVIER, Francisco Josimar Ricardo. **A influência de práticas pedagógicas matemática na EJA sobre a permanência dos estudantes da zona rural de Sobral**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, 2019.

XAVIER, Francisco Josimar Ricardo. **Produção de sentidos de currículos em Matemática na EJA das escolas públicas municipais de Sobral**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, 2023.